

LIVRO DOS QVINTANISTAS DE MEDICINA

1931



1932

LIVRO DOS
QUINTANISTAS
DE MEDICINA
DO PORTO

1931-1932

apresentação

por Souza Santos

*V*ÃO os anos descendo velozmente,
Veloz, alado, o tempo vai passando;
E novas gerações alacremenente
Alacres pela vida vão entrando...

A uma pertença que, veementemente,
Veemente vontade vai mostrando
De ver por sobre os homens, suavemente,
Suave a liberdade perpassando.

A minha geração é, como todas,
Fruto inquieto de inquietas bodas
Do porvir, do passado e do presente;
E, como tal, inevitavelmente,
~~De entre a semente boa em cada moio~~
Ha-de ter com certeza ainda joio.

E o joio é na seara do porvir
Bem mais daninho que na dum só ano.
Conjuguemos então para o extinguir
De cada um de nós o esforço insano.

Extingamos o joio da rotina,
Que o nosso ensino quanta vez domina!
Da má vontade o joio destruamos
Que muita vez com ele nos defrontamos.
Daninho ainda é para nós o pícaro
Que, sem saber voar, quere, como Ícaro,
Com asas que não tem, tentar voar;
Empreendamos também exterminar
O falso génio, a falsa inteligência,
A imoral protecção, a preferência,
E tudo, enfim, quanto de mau achamos
Ao longo do caminho que trilhamos.

E quando, porventura, tal fizermos,
Se para isso de lutar tivermos
À ponto que fiquemos quási exaustos,
Respirando alegria a largos haustos,
Sem modéstia digamos orgúlhosos:
— Por onde nós passamos receosos
Por mau caminho, tortuoso e duro,
Vós passareis, de hoje para o futuro,
Por um caminho livre e luminoso
Que suba, mas dum modo harmonioso,
Pois necessário se torna subir
Para a luz, para vida, p'ra o porvir!

Mas por agora, quási terminado
Este curso que é um prólogo da lida,
Depois de aqui o termos recordado
Sem saüdades pensemos já na vida.

Pois saüdades, amigos, p'ra que tê-las
Se a vida é cheia de promessas belas!?!
Ansiemos! que o ter ansiedade
E' bem mais belo do que o ter saüdade!

Ansiemos por tudo quanto seja
Contribuir p'rá obra benfazeja
De exterminar ou mitigar o mal.
E cuidando do físico e moral
Ansiemos pela luz, pela verdade,
Lutando pelo bem da humanidade.

E na vida que chega velozmente,
Veloz, alada, vamo-nos lançar,
Que a vida tem em si soberbamente
Soberbos prémios para conquistar.

Afonso Maria de Oliveira Vasconcelos

*De olhar altivo, agudo, penetrante,
Mosjoukinescamente decalcado;
De nariz oitavado e importante
Num facies macilento e descorado;*

*De cabelo revólto e tremulante
P'lo vento das quimeras ondulado;
De voz altiva e locução vibrante
Num corpo bem franzino e adelgaçado;*

*E' pena que, assim sendo, este rapaz
Não seja ainda mais, sendo capaz
De me seguir á risca este conselho:*

*Pegar nesse chapéu que agora traz,
Ver ao espelho o figurão que faz
E... voltar a trazer o chapéu velho!*



*Há no mundo ironias, crueis irrisões,
Esquisitos destinos;
Mas parece impossível haver furacões
Duns efeitos tão finos;
E, no entanto, é notório e voz muito corrente
Que foi um "pé de vento," vindo de repente
Lá das bandas do céu,
Que, no Senhor da Pedra, em dia de sol quente
Levou o tal chapéu!*

*Desenho de João Alberto
Versos de Joaquim Barbosa*

Adelaide do Carmo

***P**or Minerva era outrora conhecida,
Hoje é Minerva e Vénus juntamente;
É pena que uma flor tam refulgente
Cresça ao pé da matéria apodrecida.*

*Quando os seus dedos pousam levemente
Na carne retalhada enegrecida,
Parece que um milagre, de repente,
A morte vai fazer voltar à vida.*

*Senhora nossa e linda padroeira,
Santinha sem altar, mas tam cimeira,
Que apetece dizer-lhe uma oração!*

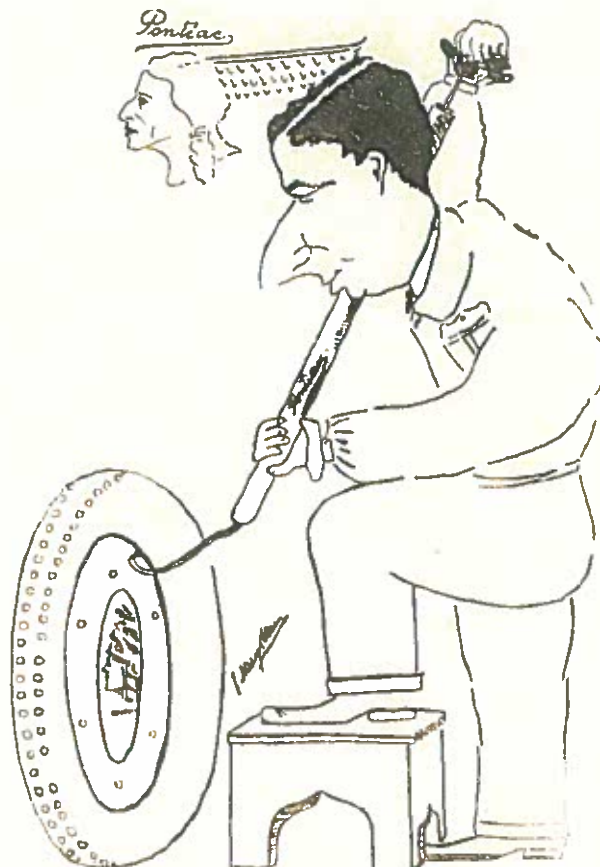
*Mas como é enganador o seu encanto!
Estuda p'ra curar, e, no entanto,
Mata sorrindo muito coração!...*



*Desenho de João Alberto
Versos de Alberto Figueirinhas*

Antônio Justino

Pinto Coelho



*Qual Asheverus das antigas eras,
Vagamundo coberto de poeira,
Ei-lo correndo atrás de vãs quimeras
Sem ter um só momento de canseira.*

*A paciência de Job que a Bíblia cita,
Qual meta que jãmais o mortal vence,
Curva a cerviz e vai triste e contrita
Depor o cetro que lhe não pertence.*

*Mas êle, o heroi sereno e confiado,
Lá segue o seu interminável fado
Qual riacho correndo por entre a erva.*

*Pioneiro da ciência, segue ávante!
A estrada é erma, o seu templo é distante,
— Mas o templo é o Amor, deusa a Minerva.*

*Desenho de Mengo de Abreu
Versos de Fernando Conceição*

Aurora de Jesus Ferreira



*Veste da côr da Noite-o símbolo da tristeza—
Porém, seu coração é um fulcro de luar.
Excede um grande sonho a olímpica beleza
Que fulgura no sol do seu bendito olhar.*

*Ninguém como Ela encerra a mística pureza
Dos Ilrios que Deus fez para nos deslumbrar,
Entre as mais belas é no garbo e gentileza
Um modelo ideal que prende e faz sonhar.*

*Estranha maravilha em seu Vulto se gera...
Tem a graça gentil da Tentação que impera
Na antiga estatuária em que a Hélada brilhou.*

*Encarece-lhe o Céu um rútilo destino,
Em tôda a Faculdade é um crisol divino
Que a ciência depura e onde o Bem encarnou.*

*Desenho de João Alberto
Versos de Amadeu Santos*

Rosina Adelaide Tinto Soares



*Não é preciso o sol da Fantasia
Vir esmaltar o que só é verdade,
Toda feita de encanto e de magia...
Basta que a gente exponha a realidade,
De tamanha evidência — francamente —
Que a nossa musa, ao pô-la assim em verso,
Não tem dificuldade que a atormente,
Nem d'entre o obstáculo mais diverso
Surge o mais pigmeu dos desarranjos...*

*Essa verdade, é que uma tal senhora,
Cujo perfil aqui fica traçado,—
Vivendo há tanto tempo, assim, com anjos,
Já tem o Paraíso assegurado,
Onde a ventura, em ondas de fulgor
E em carícias de sêda ou de selim,
Sendo sempre "Principio," sedutor,
Difícilmente, ou nunca, será "Fim,"...*

*Desenho de João Alberto
Versos de Acácio Tavares*

Serafim Costa Anjos

*Numa esbrugada "pinha," ergueu sólido trôno
E poz-se a dissertar só sôbre Anatomia,
Ciência em que êle brilha e leva a primasia
Ao curso todo em pêso e com melhor abôno.*

*Reserva-lhe um lugar do mais subido entôno
O pai da Medicina, senhor de tal magia,
Pois tem o facataz, se não lhe der o sôno,
De assombrar Esculápio em alta cirurgia.*

*Aguarda-o um porvir de perene ventura,
Ha-de sair-se bem, fazer bôa figura
Dizem os corifeus da nobre Faculdade.*

*E' uma pomba sem fel, é um sonhador ousado
Que ronda sem cessar neste burgo afamado,
Na rua dos herois — Mártir's da Liberdade.*



*Desenho de João Alberto
Versos de Amadeu Santos*

José Correia de Almeida

*Donzelas, reparai neste Doutor,
Simpático, modesto e elegante,
É capaz de tratar a vossa dor
Sem precisar pr'a isso dum calmante.*

*No seu olhar profundo e penetrante
Ele traz-vos o remédio salvador
E vai ter um consultório importante
Só pr'a tratar as afecções de amor.*

*Anda sempre contente, bem disposto
Na franca claridade do seu rosto
Nunca se viu a sombra d'algum mal.*

*E não sendo comtudo trasmontano,
Nem por acaso até provinciano,
Ele ama com paixão Vila Real.*



*Desenho de João Alberto
Versos de Arlindo Soares*

Francisco da Mota Torres

E' grande actor—artista consumado
No palco ou no ruído dos salões.
Ao vê-lo recitar, entusiasmado,
Tremem no peito os ternos corações...

E' o orador potente e inflamado
Cujas palavras—ecos de trovões—
Mostraram o seu estro alevantado
Nas nossas estrondosas reuniões.

Seu ar *autoritário* e imponente
Junto das damas quebra de repente
E as frases saiem doces como arminho.

No estudo é cuidadoso e é sereno,
Mas para o tornar, por vezes, mais ameno
Nos intervalos, tange o cavaquinho.



*Desenho de João Alberto
Versos de Arlindo Soares*

ARLINDO GONÇALVES SOARES

*Terno Manfredo, pela linha encanta
E mil paixões inspira às Dulcinêas.
Seus ternos madrigais são às mãos cheias
Pois é poeta e a todas êle canta.*

*De cabeleira ao vento, pinta a manta
Nos bailes da Parvónia, onde, sem peias,
Dança, recita e quebra as vis cadeias
Com que o Sono a assistência às vezes quebranta.*

*E' enfim o terror de qualquer sala
E tem também, como um leão dos finos,
Sinal patognomónico: a bengala.*

*Autor mavioso de mimosos hinos,
Se às meninas não pode deitar fala,
Dá aulas para deitar fala aos meninos.*



*Desenho de João Alberto
Versos de David Cunha*

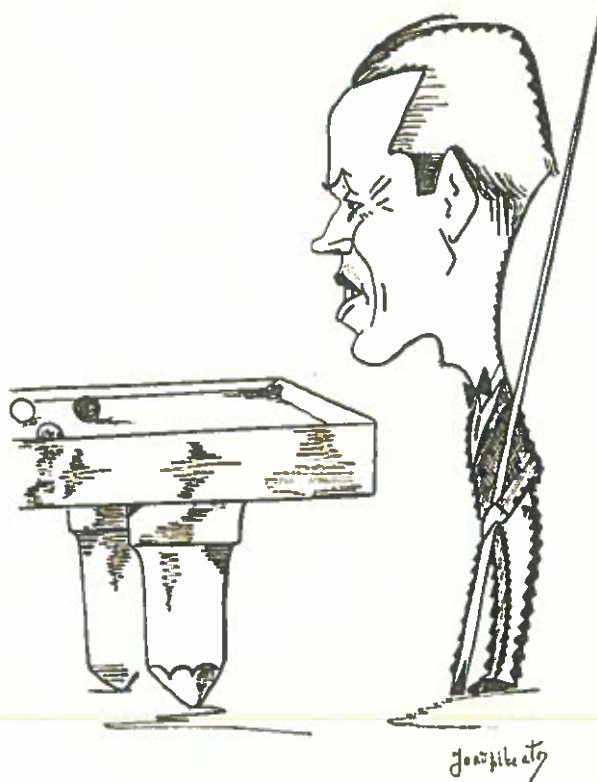
Carlos Alberto Ferreira

*O quê? Não conheceis êste sujeito?
É de pasmar que tal vos aconteça,
Porque, se bem que pouca altura meça,
O dar na vista é o seu pior defeito.*

*Ao pano verde diz... em que é artista
E é em qualquer jôgo um campeão;
Ao adágio é contudo uma excepção:
Não há uma mulher que lhe resista.*

*Sem ser cantôr, garganta não lhe falta,
E se, acaso, comnosco ele se exalta
Produz acesa e grossa discussão;*

*Mas como em breve a trovoada passa,
Acabamos, no fim, por lhe achar graça
E quâsi cremos qu'ele tem razão.*



*Desenho de João Alberto
Versos de Júlio Pessanha*

António Camilo Pacheco Tereira Leite



É de estatura mediana,
Direito como uma cana,
E usa uns pés pequeninos;
Tem uma marcha de corça,
E diz-nos que tem a força
De mudar certos destinos.

Como Pereira, produziu
A "pera," que lhe luziu,
No queixo, quando "magala,";
Foi a única que deu
E essa mesma morreu:
Fomos todos a chorá-la.

Anda agora com a cisma
De que tem um aneurisma
Que se nota à palpação,
E pensa que lho pegou
Um doente que tratou
Com essa mesma afecção.

Ama todas as pequenas
Mas preferindo as morenas
(Um gesto peculiar);
Formado, vai para a aldeia,
Arranjar um pé de meia
Para depois se casar.

Manuel Rolão Candeias

*Não perde a compostura, a paciência,
E' sempre lhano, afável, lisongeiro,
E se o curso reúne, tem ciência
P'ra o motim dominar e o berreiro.*

*Ordem, ordem, senhores, haja prudência,
C'os diabos!... E diz em tom brêgeiro:
—“Eu requeiro à ilustre presidência
Que se recite o Melro do Junqueiro,,*

*Em suma, é bom rapaz, não mete pêtas,
Apenas diz na rua duas trêtas
Que deixam derretidas as grisettes.*

*Ai, cuidado! gentis costureirinhas,
Olhai que êste doutor, minhas lindinhas,
Não se deixa prender... por alfinetes.*



*Desenho de João Alberto
Versos de Romeu Barradas*

Antônio Augusto Pinto da Fonseca

*De bigode comprido, cofiado
E laços anarquistas à pintor,
Tem um olhar profundo e magoado
E no seu rosto uma expressão de dor.*

*Nutre um amor profundo pela Ciência
À qual desvenda todos os mistérios
E, já doutor, a sua sapiência
Fará desaparecer os cemitérios.*

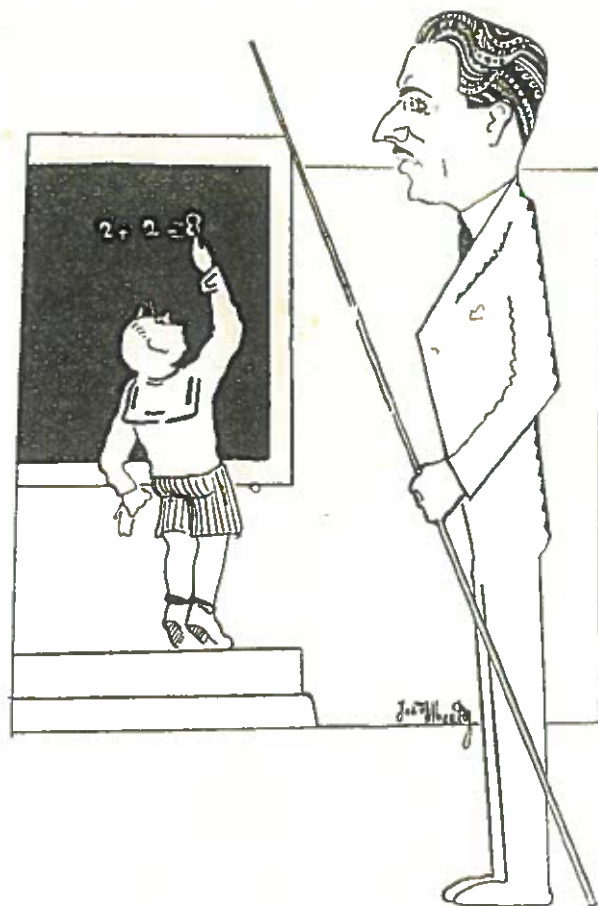
*É muito concentrado e arrefecido,
Mas também, quando está mais diluído,
A um ideal permite que o domine*

*E é singular ver este asceta manso
Aproveitar as horas de descanso
Para pensar em Trotsky e Staline.*



*Desenho de João Alberto
Versos de Arlindo Soares*

José Augusto *= Monteiro =*



Usa um bigode preto, luzidio,
Com as metades sempre ao desafio
A ver qual cresce mais.
A sua voz é quente e aliciante
E é de tal maneira impressionante
Que vós não calculais.

Da Escola aluno é noutra professor
Onde alimenta a infância com amor
De pão espiritual;
Há quem diga que é *Doudo* este finório
Mas hão-de ver como enche o consultório
P'ra nosso grande mal.

E se, lá p'ra Marrocos, tem em vista
Alguma praça forte, êle da conquista
Vitorioso sai;
Dos corações dá cabo sendo cabo,
Enfermeiro já foi... mas eu acabo
O que lá vai, lá vai...

Desenho de João Alberto
Versos de Júlio Pessanha

JÚLIO VICENTE PESSANHA

O' Vicente,
Francamente,
Entre tôdas as maçadas
E estopadas
Que nós tivemos com isto,
Eu desisto
De encontrar uma que me
Maçasse como esta de
Versos ter que te fazer
Sem isso me apeteecer.

Mas enfim,
Já que a mim
Recorreste para tal,
Bem ou mal
Eis-me a cumprir êsse encargo
Bem amargo.

Começo por te dizer
Que precisavas de ter,
O' Pessanha,
Menos banca;
Pois assim,
Quanto a mim,
Papo-sêco não serás.

Dir-me-às:
— Não me alarmo,
Caro... Souza,
"Que a gordura, com as lentes
Que no nariz uso assentes,
Dá-me um ar mais doutoral",
Como tal
Se mais magro não ficar,
Mas também não engordar,
Por bem feliz me darei.

Dir-te-ei:
— Tens razão,
E então
Tenho de
Te
Falar de assunto diferente,
O' Vicente.

Poderia,
E nada me custaria,
Dizer-te que és muito esperto,
Que falas qual livro aberto
E que o teu saber penelra
Em tudo o que há, etc...

Porém, falar-te de tal
E' banal,
Pois que neste livro ha-de
Ser difícil, na verdade,
Ver dez pessoas de quem,
Não se diga isso também.

E
aqui,
Como não há mais espaço,

Mais versos já te não faço
Além dos que precisar
Para um conselho te dar.

Ouve lá:
Em ti há
Um defeito-qualidade
Que é o de, sem piedade,
Dares picadas
Com piadas
Nas pessoas suscetíveis;
E que horríveis,
Mas boas, espeladelas
Tu dás em algumas delas.

E, meu velho,
O tal conselho
Que te dou é: desistires
De à nossa custa te rires,
Se quizeres viver em paz.

Dir-me-às:
— Na verdade
"Entro" de boa vontade,
Mas, em tal,
Nunca ponho nenhum mal.

Dir-te-ei:
— Sim, bem sei
Que és de tôdo incapaz
De praticar ações más.
Mas, p'ra isso terminar,
Vou-te aqui fazer notar
Que sempre acho,
— Que diacho! —
Que és por vezes implicante,
E como prova bastante
Há o chamares com malícia,
Ao Mota Torres, polícia.



Desenho de João Alberto
Versos de Souza Santos

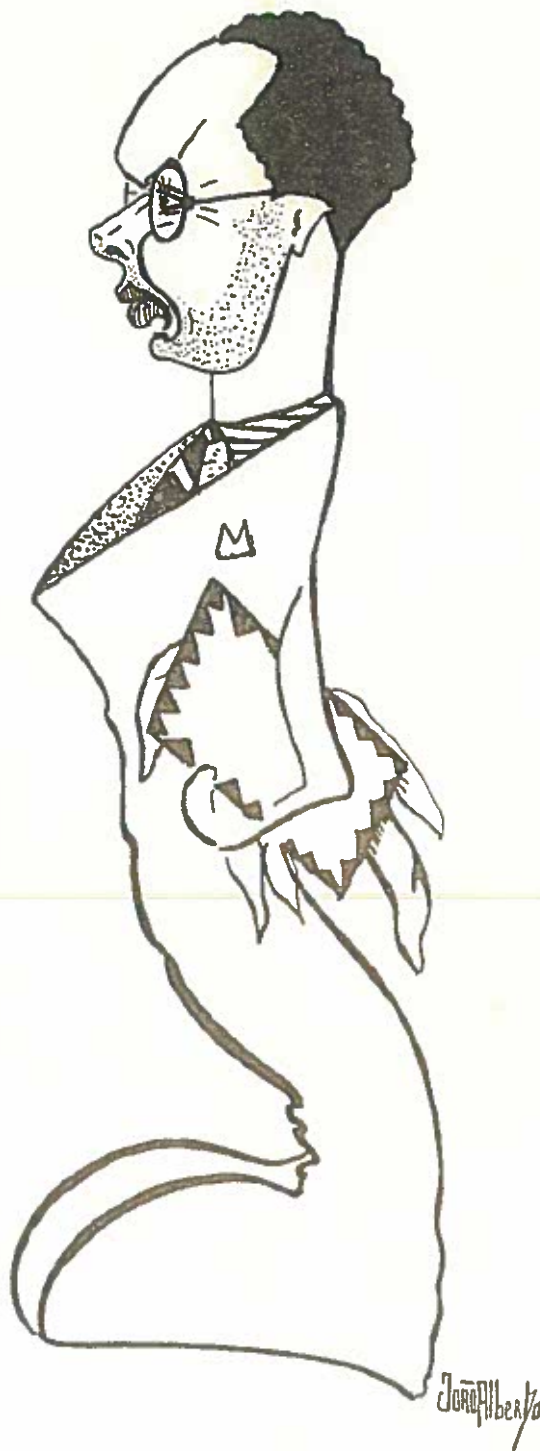
Joaquim Magalhães de Oliveira Barbosa

A dar a volta dos tristes
Por certo já todos vistes
Um colarinho imponente;
A gravata anda também,
Gravata enorme e que tem
Um nó de largura ingente:

É o que mais espanto faz
É' não se ver quem os traz.
Que coisa tam espantosa!
Mas depois de procurar
É' possível encontrar
Por trás dos dois o Barbosa.

Com um colarinho tal
E uma gravata-avental,
—Vejam lá a presunção!—
Crê firmemente o doutor
Lá no seu foro interior
Ser um grande pessegão.

E se na gravura ao lado
(É nesta altura traslado
Palavras do Joaquim)
Ele não está nenhum Petrólio,
Garanto pelo Demônio
Que o Barbosa não é assim.



Desenho de João Alberto
Versos de Souza Santos

— Joaquim Maria Pacheco Neves —

É Joaquim, é Pacheco e também Neves...

—Joaquim foi a gôsto do padrinho,
—Pacheco era o nome do avôzinho,
Homem sisudo e de palavras breves.

Quanto ao Neves é que eu não adivinho
Como é que assim moreno é também... *neves*
E tu leitor também o não percebes!...
São coisas dêste mundo comezinho...

Em tempos que lá vão foi timoneiro,
Nas regatas do Ave era o primeiro
Levando outras *équipes* de vencida...

Agora é já Doutor. E é de crer
Que, sendo bom rapaz, volte a vencer,
Levando à meta o escalér da vida.



Desenho de João Alberto
Versos de A. A.

José Miguel Sanches

*Notai esta figura insólita, enigmática,
Serena, grave, enfática,
Com ar patriarcal:
Emolduram-lhe o rosto as barbas respeitáveis,
Umas barbas notáveis,
De estilo original...*

- Mas quem será o ignolo personagem
Aqui apresentado?*
- *Parece um penitente em mísera romagem
Remindo algum pecado.
Mas não! Ele não é um triste peregrino
De cabaça e bordão,
Comendo ervas do chão,
Seguindo o seu destino
Em busca do Rabi...*
- *Mas... com barbas assim
Poderá ser também um fero marroquino
Das hordas de Abd-el-Krim...
Ou então... um Targuï
Trazido do Sahará...
E' de notar concludo
Que não parece um mouro carrancudo.*
- *Alguém poderá crer que é o proprio Jehovah...
Porém ser tal não deve
Porque a divina barba era da cor da neve,
E além disso é verdade assente e demonstrada
Que o velho Padre Eterno
Se transformou num "gentleman,, moderno
Usando como nós, cara rapada...*
- *Então quem é? Não sei! Adivinhei!
E' talvez um Cossaco
Com barbas de tabaco
Virginia Bird's Eye!*
- *Com óculos parece algum daqueles sábios
Vivendo entre alfarrábios
Astrólogo, alquimista...*
- *Parece, mas não é. E agora meu leitor
Desvendo-te o mistério e mostro-te um doutor,
Um jovem quintanista,
De barbas imponentes
Que servem para impôr respeito aos seus doentes,
E às quais ele dará uma outra aplicação
Em tempos de aflição
De crise ou desemprego:—
Seguindo o nobre exemplo a D. João de Castro,
Corta-as, junta-as num molho, amarra-as com um nastro
E vai pô-las no "prego,,...*



*Desenho de João Alberto
Versos de Jorge Santos*

Fernando da Silva Cristo

*Êste Cristo, que é Silva e não Jesus,
Nasceu no Porto, não na Palestina;
E' de piada, e não de "graça", a luz
Com que êle as nossas trevas ilumina.*

*Pois, como julga, qual João Semana,
Que o riso é um grande meio de curar,
De fazer o possível mui se ufana
Para a risonha veia cultivar.*

*E assim lê os humoristas
Como lê fisiologistas:
Os Fischer, Brown-Séquard
Tristan e Claude Bernard.
Lê Gley, lê Sacquepée
Lê Mark Twain e Collet.
Sabe o que fez Kitasato
E lê Gervásio Lobato.
Tem a mesma admiração
(E eu sigo-lhe a opinião)
Por Pasteur e André Brun.
O Alain de Saint-Ogan
Conhece como o Roger.
E se, quanto a jornais, lê
O "Fixe", se lhe apetece,
Também não descarta a "Presse",
E o "Paris Médical"...
Mas sem que ache mau jornal
O tripeiro "Pirolito",!
Enfim: afirmo e repito
Que êste Cristo é um galeno
De espírito muito ameno.*

*E' Cristo, mas que o outro é mais esperto
Pois mora mesmo junto a Santa Tereza.
Que é cristão e que reza, creis decerto,
Mas que o não faz, afirmo com certeza.*

*E p'ra que é que o faria se, afinal,
A segunda pessoa é da Trindade...
Ou pelo menos em cinema tal
Um filme bom não perde, na verdade.*

*E além disso é evidente que um Cristo
Que se preze, não reza, mas lhe rezam,
É (p'ra vosso proveito em tal insisto)
Para rezar a êste as razões pesam.*

*Que êste Cristo hipocrático, leitores,
Mais feliz que o primeiro, que o judeu,
Em casa tem lais bálsamos p'ra as dores
Que o outro, nem pecando, os concebeu.*

*Rezai vós pois a êste que êle impera
Sobre centos de santas milagrosas
E santos tem, das doenças à espera,
Em caixas e em caixões que são às grosas.*



*Lá tem a Santa Morfina
Como p'ra as dores mais não há;
P'ra a tosse, melhor que Lourdes
A Codeína tem lá.*

*Pode ser que a curar sarna
O Cristo-deus se dedique;
Mas êste cura-a melhor
Com pomada de Helmerich.*

*Para concorrer com Fátima
Em meningites de ar crítico
Tem êle um santo injetável:
O soro anti-meningítico.*

*S. Bismuto e Santo Arsénio
Ele possui em qualquer dose
Para, com santo Mercúrio,
Debelar a avariose.*

*Enfim: uma prova certa,
E' a gravura aqui inserta,
Do seu valor bem notório:
Pois se a barba não ficou
Foi porque o Cristo empregou
Um santo depilatório...*

*O reclame, de borla, ao Cristo não ficou
Mas dezasseis tostões, se o quiz, êle me pagou.*

*Desenho de João Alberto
Versos de Souza Santos*

== Reinaldo Raul Prazeres ==



Tem vinte e poucos anos; tez de côr
levemente rosada, onde loureja
a barba, dum tom sujo de cerveja;
um ar de bom rapaz, acolhedor!

Um todo estilizado—sem favor!—
duma elegância de causar inveja
—não sem motivos—a quem quer que seja,
temperada com tintas de “doutor,,!

Um automóvel—: eis o que o seduz!
E como com dez reis nada se alcança,
anda a ver se o consegue dar à luz!...

No fundo, ri-se — é o mais feliz dos seres:
pois pode perder tudo—apropriã Esp'rança—
que há-de ficar ainda com “Prazeres,,!...

*Desenho de Bruno Reis
Versos de Edmundo Machado*

José João Pinto d'Oliveira Martins



*Aí vem ele! uma fatura
De gordura... por queimar,
Dois óc'los, uma bengala,
Certo aprumo no andar.*

*Por causa dum aneurisma,
E por cisma... do **patrão**,
Teve d'abrir o doente
P'ra resolver a questão.*

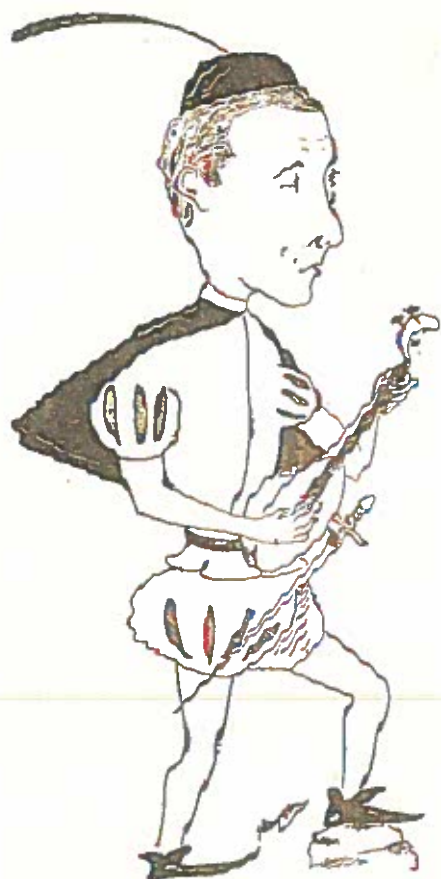
*Répas p'ra traz. Bolachudo,
Rechonchudo... quási um cento,
Mas montado no seu **cicles**,
Corre, foge, como o vento.*

*Músico e jornalista,
Senfilista... e orador,
Ginasta e até bombeiro,
Tudo foi este Doutor.*

*Matozinhos! Tens à vista
Quintanista... brevemente
O paquete encosta ao cais,
Chega mais um mata-gente.*

*Desenho de A. Gomes
Versos de Jorge Luso*

Romeu Pinto de Lima Barradas



*Verdadeiro Romeu éle seria
—O que não era coisa de espantar—
Se as canelas trouxesse à luz do dia
E um espadim na cinta, a baloiçar.*

*Tal como é, não tem categoria,
Nem ao romance poderá passar,
Pois é incapaz de entoar uma elegia
Ou de por Ela se deixar matar...*

*De resto, é um democrata bem notório,
Que, em noites de arruaça e de vivório,
Dá tantos vivas e com força tanta*

*Que cai sem voz nos braços de Morfeu...
Façanha em que se mêta êste Romeu,
É sempre assim: abusa da garganta!...*

Joaquim Vilar Mengo de Abreu



É um artista e a arte dele é colossal:

Nota os defeitos,
Reproduz geitos,
Consegue efeitos,
É genial!

Às vezes sai, ninguém o vê, a casa encerra;
É que o doutor
Foi com amor,
Qual lavrador,
Tratar da terra.

Nada ignora e é também muito elegante,
Notem porém,
Moças de bem,
Que ele já tem
Prole abundante.

Desenho dele
Versos de Júlio Pessanha



FORGE
ALVES DE SÁ

Traz sempre uma seringa n'algibeira
Como o polícia traz o pistolão.
Desgraçado que passe à sua beira
Apanha, acto contínuo, uma injeção.

Tem uma força igual à de Sansão
E vendo uma Dalila à cabeceira,
Fica logo rendido de paixão
Sem lhe sacrificar a cabeleira...

Em Amor perde pois, toda essa força,
Tomando-se mais manso do que a côrça,
E tão inflamável como a gasolina;

E até no meio do maior restólho,
Se uma menina lhe piscar o olho,
Nunca mais tira o olho da menina.

Desenho de Mengo de Abreu
Versos de Alberto Figueirinhas

Fernando de Castro Tires de Lima

Traz muitos mais linguados na algibeira
Que uma varina na canastra airosa.
É por isso talvez que a sua prosa,
Mal vem ao longe, já saltita e cheira.

Entrando da política nas lutas
Sai sempre ileso quando não se aleija;
E na aldeia que o Ave, humilde, beija
Pescar quadras em vez de pescar frutas.

Dedica-se actualmente a uma obra
Que lhe ha-de dar renome e bens de sobra
E a sincera ovação de todos nós:

Vai pôr em português sem arrebiques
O que teria dito Afonso Henriques
Quando partiu a perna em Badajoz.



Desenho de Octávio Sérgio
Versos de Alberto Figueirinhas

Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior

Tem na voz a doçura da ambrosia
E ao mesmo tempo o rufo do tambor;
É pena que se entregue à arqueologia
Quando afinal nasceu para tenor.

Embora novo passa a noite e o dia
Remexendo em farecos sem valor,
E a força de lidar com cacaria
Já cheira a traça, a rato e a boior.

Há pouco descobrir, p'ra seus pecados,
Uns quadradinhos pretos e encarnados
Mais antigos que a humana estupidez,

E todo ancho com tamanha glória
Vem dizer-nos que o homem da pré-história
Já jogava partidas de xadrês.



Desenho de Octávio Sérgio
Versos de Alberto Figueirinhas

**h
e
n
r
i
q
u
e**
**g
r
e
g
ó
r
i
o**
**p
e
r
e
i
r
a**

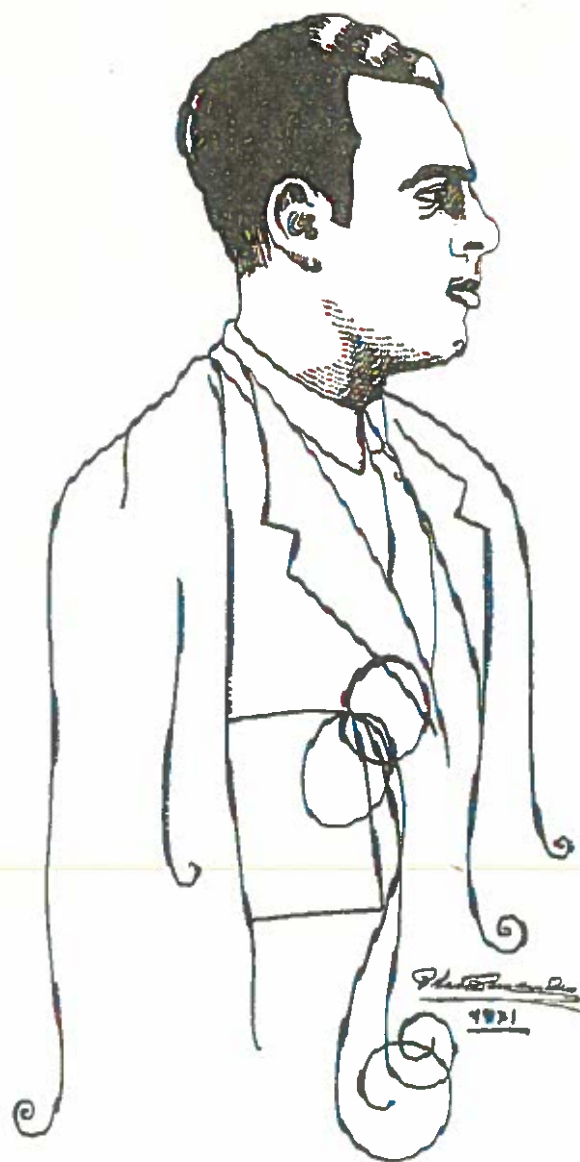
(Rio Grego)



*AMO a fugitiva Deusa da Verdade,
Amo essa deidade, obsecadamente!
Uma só moral' concebe a minha mente:
Pôr em tudo, à frente, o bem da Humanidade.
Fez-me Deus a alma dum fluido ardente
Duma impertinente sensibilidade;
Trago o peito rubro, a arder de liberdade
Numa claridade—luz irreverente!
Quando é grande a chama d'êste meu sentir
Eu não sei fugir ao drama do Uiver:
Quási sem querer, ponho-me a rir, a rir!...
... Mas, ao certo, enfim, Meu Deus, quem venho a ser?
O que hei de eu fazer? E qual o meu porvir?
— Para não mentir... não vo-lo sei dizer.*

*Desenho de Octávio Sérgio
Versos de Rio Grego*

Pedro Augusto Marques Rodrigues Ferreira



*Há-de ser cirurgião,
Dos melhores cirurgiões,
Quem tem um certo "geitão",
Prá clínica d'injecções.*

*Tanto e tanto sabe amar
A sua terra, que um dia
Há-de vir a receitar
Injecções d'agua da Ria.*

*E' de Aveiro natural...
Aqui nasceu, aqui vinga...
E é às marinhas de sal
Que vai encher a seringa.*

*No amor, amou por junto,
Até que um dia, coitado...
(Vá lá, mudemos de assunto
Porque já foi injectado).*

*P. S.—Sabei, Senhoras galantes,
Que na douta Faculdade,
Há mais caras de estudantes
Sem terem "cara metade,,.*

José Vitorino de Campos



Com um bigode à Douglas, bem tratado,
Fino no gesto, franco nas maneiras,
Este doutor, há muito, há conquistado
O coração das ternas costureiras.

Em férias, ide vê-lo, entusiasmado
Perseguindo os coelhos pelas leiras...
Em Penafiel é grande aficionado
Das festas, romarias e das feiras.

Foi para Coimbra um dia, e mal chegou
As terras do Mondego, conquistou
Das tricanas o peito mais sereno;

Mas pouco tempo pôde lá ficar
Pois em breve faziam-no voltar
Saúdares do Peixoto e do Almeno.

António de Magalhães Campos

Caçador de perdizes, tem tirado
Vários prémios em jogos e torneios,
E em amores também tem conquistado
De loiras e morenas, castos seios.

Esteve em Coimbra já, e lá deixou
Saudades que o Mondego, ainda hoje chora,
Mas as saudades que daqui levou
Fizeram-no em breve vir embora.

Da malta Kropatchek bom elemento,
Tem pela amizade—nobre sentimento—
Um culto colossal, de tal maneira

Que se alguém o pretende procurar
Muitas vezes lhe basta perguntar
Pelo seu velho amigo Pedro Ferreira.

.....

(A recíproca também é verdadeira)



Desenho de Platão Mendes
Versos de Arlindo Soares

Almeno António Vieira Leite



*É um rapaz nada estulto
Que dedica um grande culto
A um jovem Deus folgazão;
Da "Klopatchek", elemento
Contribui para o sustento
Da coimbrã tradição.*

*Desenho de Mengo de Abreu
Versos de Júlio Pessanha*

João de Sá Peixoto



*Da "Kriopatchek", elemento
Contribui para o sustento
Da coimbrã tradição;
É um rapaz nada estulto
Que dedica um grande culto
A um jovem Deus folgazão.*

*Desenho de Mengo de Abreu
Versos de Júlio Pessanha*

Manuel da Conceição Azevedo



Não está cá
Desapareceu,
Ninguém o viu,
Mas que mistério!
Suponho eu
Que, certamente,
Ele fugiu
Porque mandou
Algun doente
P'ra o cemitério.

Nota:

Já depois do que escrevi
O Azevedo voltou,
E eu vou fazer-lhe justiça:
Disse-me ele que daqui
Para a terra se safou
Para ajudar a uma missa.

Manuel Bernardo Balseiro

Este Senhor Doutor cirurgião,
Com cara de menino,
Tem "zangalhado" mais c'o coração,
Que o badalo dum sino!...

Em tempos que lá vão, foi um valente;
Nem uma sopeira só lhe resistia...
Té crelo que chegou mesmo a sêr lente
De copo e sopeiró-terapia...

Porém hoje está sério, está mudado
É quâsi exemplar!
Seria mesmo muito aplicado,
Se não houvesse caça nem bilhar.

Leitor! Vê se adivinhas a razão
Porque êle assim se fez!
Examina-lhe bem o coração,
E pronto! Logo vê:

Não tem como o dos outros divisões,
Aurículas, ventrículos, mētrais,
Nem velas, nem artérias, nem tendões...
Tem ELA, ELA, ELA e nada mais!...



Desenho de Mengo de Abreu
Versos de M. Grilo

César Augusto Bordalo



Negra e vasta, revólta cabeleira
Lhe encíma a fronte larga e saliente;
Sob o nariz tem rala bigodeira;
Olhar nostálgico, sombrio, ausente...

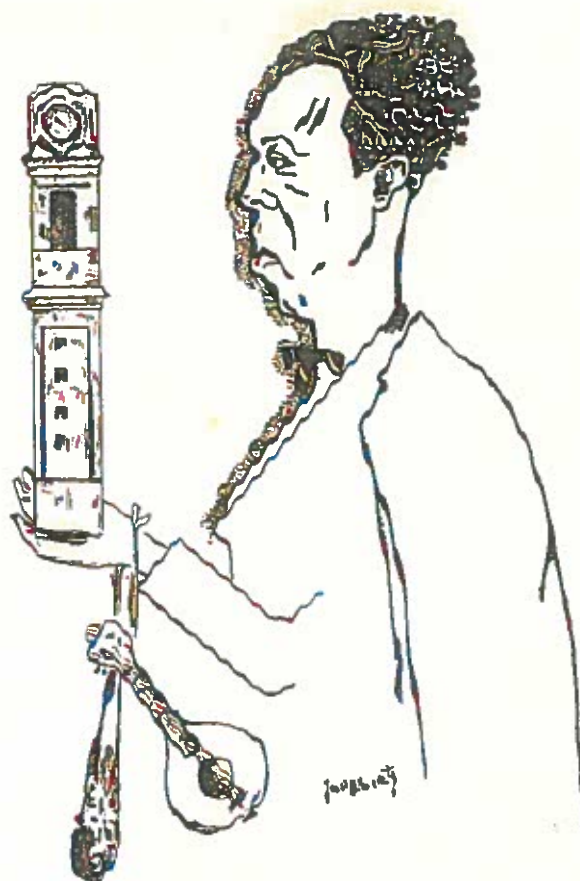
Ausente e longe em terra hospitaleira
— Enlévo seu que carinhosamente
Êle apregôa: (a terra brasileira),
Olhando para as bandas do poente.

Na guitarra, porém, mata a saudades,
Ou dansando ligeiro—habilidade
Em que julga, talvez, ser sem rival!

Isso não sei, mas sei com mais certeza
Não existir na forma e na grandeza
Nariz assim em todo Portugal.

Desenho de Esteves Pinto
Versos do mesmo

José Antônio
Vieira dos Santos
Júnior



*Foi troveiro da lenda da Saudade
E teve por amante a cruel sina
De beijar, por amor e caridade,
Toda a máguia de sua alma menina.*

*Soube, como ninguém, tecer de beijos
A corôa das moças coimbrãs
E tanto qu'inda falam de desejos
Das moças, suas bocas de romãs.*

*Porém um dia quiz partir, voltar
A esta terra, seu primeiro lar
Espiritual. Eê-lo aí agora.*

*Mas coisa curiosa! já não canta!
Trocou a rir, as máguas da garganta
Pelas máguas duns olhos de doutora.*

*Desenho de João Alberto
Versos de Hordelo*

Lidia dos Santos Borges Moraes



Dizem que história não tem
Um povo quando é feliz
Por ser vulgar, e ainda bem
Pois nenhum mal d'ele se diz.

Esta doutora também,
Por certo das mais gracios,
Nenhum ridículo tem
Que lhe dê qualquer matiz.

Sabemos que é pequenina,
Tem um riso encantador
E um tanto de coquetismo,

Que é alegre, matutina
E é fácil mudar de cor
Num estranho mimetismo.

Desenho de Mengo de Abreu
Versos de Alice Gomes

Lucília do Nascimento Lopes



Ao vê-la assim tão fria, tão serena,
Alheada do vulgo com desdém,
A ciência descreve, com certa pena,
De desvendar donde essa paz lhe vem.

Nos seus olhos escuros de morena
Qualquer coisa de místico há porém;
E, esguia como a haste da açucena,
A gente sem querer recorda alguém:

Uma figura esbelta de mulher
Que ao sedento Jesus dá de beber
Debruçada no poço de Sicar...

Talvez... (quem sabe?) um dia um cliente
Que com sede de amor 'steja doente
Ela também assim possa curar.

*Desenho de Mengo de Abreu
Versos de A. Gomes*



JÚLIA GUEDES

DA

COSTA

*De muito longe vem, todos os dias,
E chega ao Hospital, à Faculdade,
Trazendo no seu rosto a claridade
De quem não tem desgostos, arrelhas...*

*Amo o socêgo, a paz, a soledade
E despreza do mundo as ironias,
Não entrando nas troças, zombarias,
Que tão correntes são na nossa idade.*

*E quando, dentro em breve, nos Carvalhos
Iniciar, com brilho, os seus trabalhos
A médica gentil e diligente.*

*Eu creio, que, por certo, o seu sinal,
Se a alguns doentes minorar o mal,
Há-de também fazer algum doente.*

*Desenho de Bruno Reis
Versos de Artindo Soares*

Maria Emilia Ferreira de Abreu



As aulas e os livros odiados
Por tantos que, sedentos de prazer,
Nem sequer a Forceps arrancados
Puderam seus tesouros conhecer,
Foram por esta com ardor amados
No Templo da Ciencia e do Saber
E também estudados com carinho
À rubra côr do sol do mar d'Espinho.

Sensata, impenetrável, positiva,
Sabe sorrir, não sabe gargalhar.
À mais leve Ilsonja foge esquiva
E qualquer galanteio a faz corar.
Do cisne herdou, decerto, a graça altiva,
No sol bebeu a luz do seu olhar.
Com predcados tais fascina os lentes,
Levando a cura aos mais gravesdoentes.

Cativa de Minerva em Santa Cruz,
Fica presa aos encantos da cidade,
Essa douta Colmbra donde a luz
Refulge do Penedo da Saudade.
Da Mãe Imaculada de Jesus
O mesmo nome tem esta beldade,
E de seu Filho, o doce Nazareno,
Herdou a côr dum pálido-moreno.

Desenho de Craveiro
Versos de Armando Castro

Maria da Glória Teixeira



Em geral, esta senhora
Chega um pouco antes da hora
Das lições ao hospital;
E, apenas ela chega,
Chega-se para um colega
Que também é pontual.

Anda sempre ele com ela,
Nunca fizeram querela,
Ambos concordam em tudo;
Pois são, de tempos antigos,
Inseparáveis amigos
E companheiros de estudo.

E consta até que depois,
Quando doutores, os dois,
Em mais estreita união,
Vão fazer o tratamento
Dum grande padecimento
Que trazem no coração.

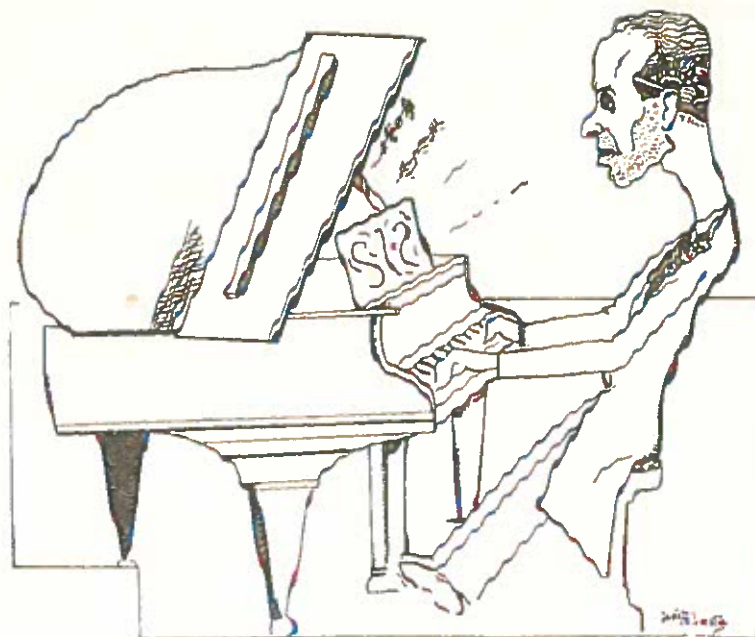
António de Matos Júnior



E' moderado nos gestos,
Não assina manifestos,
Não cultiva a oratória;
Hostil a qualquer celeuma,
Nem sequer perdeu a fleuma
Quando lhe surgiu a glória.

*Desenho de João Alberto
Versos de Matos Júnior*

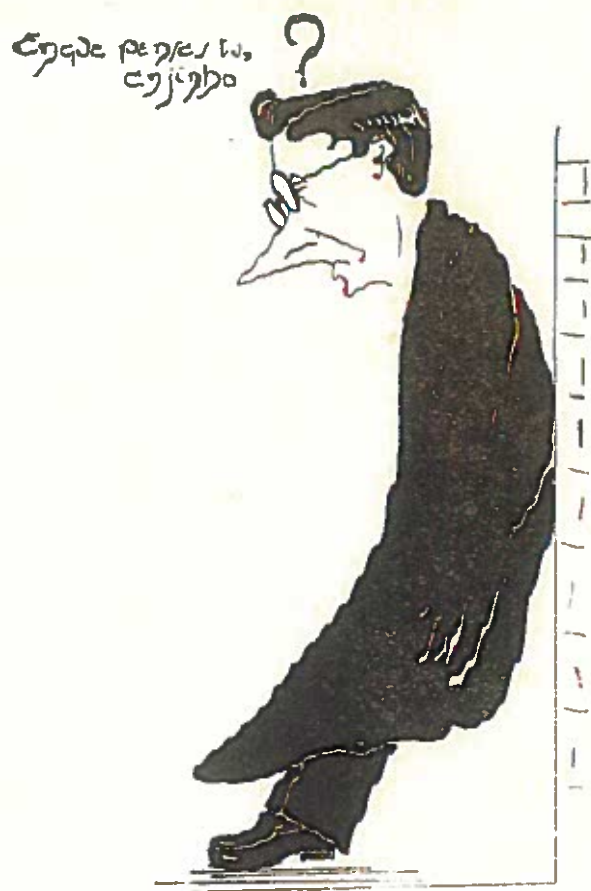
Edmundo Antunes Fanhais



*Antigamente a Escola era risonha e franca
E o nobre sôr Fanhais sem cãs nem barba branca
Tocava num piano a nona sinfonia;
Frequentar o Aguiar e mais a Anatomia
Era o mesmo que ir em tardes de festança
Coração todo amor, corpo dado à solgança,
Pra festivo arraial passar a noite e o dia.
Por fim, tudo mudou: agora que é doutor
O nobre sôr Fanhais é austero e conciso;
A medicina então deu-lhe volta ao fuzo.
A música deixou, poz de parte a guitarra
E ao Fogue e ao Collet sômente hoje se agarra.
As obras medicaes falam-lhe ao coração
Sendo as francesas, sim, a sua perdição;
De modo que o leitor se um dia perguntar
Onde é que fica a França, o doutor, sem hesitar,
Arrancando do casco a velha gorra preta
Com gesto solenal, qual austero profeta,
A calva mostrará dizendo com pujança:
E' aqui, aqui dentro... Aqui é que está a França.*

*Desenho de João Alberto
Versos de Raul Gonçalves*

Bernardino de Sena
Caires Pinto
de
Madureira



Cesse o trémulo nervoso do monarca,
A custo equilibrado no madeiro;
Que melhor que ser rei ou patriarca
É o ser-se um honrado CONSELHEIRO...

Todos o sabem... Assim todos nós
Dando, por ambição, a alma ao demo,
Vamos, Caires, ao som da tua VOZ
Pra onde fores, inestindível NEMO...

Que a tua coragem, viril e líana,
Não necessite (público vexame),
Escolta da Guarda Republicana
Pra te arrastar, vencido, a um exame...

Mostra o que és... E a todos aqueles
Que te julgarem em disfarce insídio,
Conta, orgulhoso e altivo, como... Apeles,
Do Palace o famoso OCULICÍDIO...

Desenho de Mengo de Abreu
Versos de Armando Leão

== Francisco Xavier

Ribeiro de Araújo ==

(X)



*A novenas, confrências e sermões
Jamaís faltou na vida este doutor
E vêde-lo também com grande ardor
Sustentar mil terríveis discussões.*

*Mas, apesar de missas e orações,
Dedicou sempre ao "bluff", um grande amor
E adorando as cartas com fervor
Fá-las entrar nas suas devoções.*

*Último membro da "Palaciana",
De habitar régios paços mui se ufana,
Mas com mulheres tem sido um infeliz;*

*Talvez devido ao burro americano,
Nove anos conta já de veterano
E todos o conhecem pelo X...*

*Desenho de A. Pedro
Versos de José Marques*

ÁLVARO AUGUSTO DE MAGALHÃES

Ossos do Ofício.



*Ossos do ofício? Talvez,
Mas, com carnes circundantes,
Fazem passar bons instantes
A quem, com olhos amantes,
Os contempla muita vez.*

*Donzelas, este doutor
Vós o vedes, está tomado
E por sinal ocupado;
Procurai por outro lado,
Não o tenteis por favor.*

*É de resto socegado
E mais moreno que loiro;
E, se o silencio é de oiro,
Já deve ter um tesouro
Pois que sempre está calado.*

AMADEU GONÇALVES

Perfil ou semelhante coisa
Dum digno proletário da ciência,
Vou traçar... na fria lousa
Da minha inteligência:

Ele viu nascer o Sol
Em frente ao Lima por entre árvores floridas
Onde crescem as mais belas "margaridas",
Numa toalha de rosa,
Num Indo arrebol.

Na sua mocidade
Criou um ideal
Pra mitigar o mal
Dos pobres desherdados;
Formou altos castelos
Com ideais mui belos
Pra bem da humanidade.

E a par das qualidades
Que acabo de contar,
Tem só duas vaidades
Que vou sintetizar:



São: uma rapariga
Ideal da sua vida
De bom trabalhador,
Onde encontrou guarida
O seu sincero amor.

E na mesa do bilhar
Pra conseguir ganhar,
O seu competidor
Tem de mostrar ardor
.....
E, ao passar o mar,
Que as ondas estejam mansas,
Para materializar
Todas as suas esperanças.

*Desenho de João Alberto
Versos de Adelino Araújo*

António Castro Rebelo de Mesquita Pimentel

*Pequenino de nascença,
Ainda não paga avença
Mas gosta de namorar;
É grande conquistador
E namora com fervor
À noite p'ra disfarçar.*

*É um homem viajado—
Tem talento comprovado
E nunca vai à parede.
E' que o ditado lá diz
Um homem mesmo "petiz",
Aos palmos nunca se mede.*

*E' nobre por tradição
E há quem lhe chame barão
Sua nobreza jogando.
Fidalguinho no aspecto,
E' honrado, muito recto,
Mas não conhece o quejando.*



*Desenho de João Alberto
Versos de Mota Torres*



Carlos da Silva Costa

Já assim *tristonho* veio de Cezar,
Mas sempre *rindo* ao ver o Madureira
Ou quando, por ventura, o Cerejeira
O *desafia* pr'a jogar bilhar.

Mas se, porém, alguém me vem dizer
Que pr'a o amor nunca lhe achou tendências,
Eu lhe direi que muitas aparências
Tem sido, e serão sempre, de temer.

E não-de ver que *assim* tam socegado
Daqui por alguns anos tem casado,
E usa já *chinelas* e *rapê*.

Mas queres a paz, amigo? Evita a guerra,
Clínica e casa lá na tua terra:
Dá a Cezar o que de Cezar é.

*Desenho de Mengo de Abreu
Versos de Júlio Pessanha*

António José de Araújo



*Êste doutor, meigas noivas,
Já subiu ao cadafalso!...
— Tirai d'aquí o sentido,
Passai esta fôlha em falso!..*

*Nada vos direi, ao certo,
Da explicação da gravura
Convençei-vos, porém, disto:
Nem a cesta é de costura,
Nem é nenhuma "garçonne",
Que o faz 'star ao telefone!...*

*Na sua vida agitada
Hé uma história encravada
Referente à Anatomia!...
— O doutor não se mexia,
E não achava a maneira
De fazer essa cadeira...*

*Um dia, achou-se casado
E viu-se, então, na urgência
De ter o lar mobilado!...
— E desde então faz cadeiras
Quer pesadas, quer ligeiras,*

*Faz bancos de grandes pés,
Sofás— mobílias inteiras
E dizem que até já fez
O berço para um petiz
Qu'inda há-de vir de... Paris...*

*A pequenez do papel
Corta aqui a narrativa!...
Mas se querem saber mais
E' procurar nos jornais
Na Secção Desportiva....*

VIRGÍLIO JOSÉ PIMENTEL DE CARVALHO



O homem dos 7
instrumentos

Um menino "papa-sêco",
Reparem, não é favor —
É esta a apresentação
Do nosso caro doutor.

Com maneiras diplomáticas,
Olhar atraente e vivo
É belo, fino, elegante,
E outras coisas que... não digo!

Tem dedo p'rá medicina;
Esperto que nem um rato,
É capaz de explicar
Qual é a origem do "parto",

Pandeireta e violino,
Viola, banjo e tambor
"Gramofone", e cavaquinho —
Tudo toca este «Doutor».

As meninas em o vendo
Com a pasta... a passear
É tamanha a emoção —
Aí credo! Vão desmaiar.

Mas ele, que é previdente,
Dá ao caso solução:
Manda-lhes já sem demora
Fazer a Vacinação.

Maria Palmira Troufa



Alegre e tão feliz que nos encanta
Por entre o nosso curso a chifrear,
E' médica divina, sacrosanta,
Que para nós 'stá sempre a medicar.

E' uma avezinha que saltita e canta
E não sabe por certo o que é chorar;
Da sua bôca rubra a inveja é tanta
Que já tem dado muito que falar.

E' uma joia preciosa, coruscante,
Seu olhar expressivo é um diamante
Que corta sem piedade as corações,

E acima do seu todo donairoso,
Há o processo, elegante e engenhoso,
Que ela adota p'ra dar as injeções.

Desenho de Bruno Reis
Versos de Mota Torres



Maurício

Luís Neves

Sizudo na aparência e lento no andar,
Caminha sempre triste, plácido e sereno,
Amou sempre a mulher, sem nunca se importar
Que as outras raparigas lhe chamem moreno.

O Cristo, amigo seu, não sendo Nazareno,
A sua simpatia soube cativar:
Para uma caçada rija ou um passeio ameno,
É sempre o seu amigo que ele vai convidar.

Anda de terra em terra à busca da perdiz!
E assim se considera o homem mais feliz,
E assim vive contente o grande caçador.

Ora como ele quer p'ra a África partir,
A caça do leão também poderá ir,
Porque África e leões ficam-lhe bem à côr.

*Desenho de Menço de Abreu
Versos de Mota Torres*

== Gabriel Vieira ==

O Gabriel, que afinal é um menino
Que inda brinca aos vaporzinhos de latão,
Vai ser homem; já não quere, o pequenino,
Que as criadas o conduzam pela mão.

Vai ser médico, assim quiz o seu destino,
Para um dia procurar qual a razão
Porque é um sofrimento tão malino
A doença que lhe aflige o coração.

A Ciência não diz nada, podes crer;
A origem desse mal que dizes ter
Eu sei bem, e aconselho-te esta pista:

Se amar muitas mulheres faz mal à gente
Não brinques aos namôros, sé prudente,
Que a causa do teu mal é a conquista.



Desenho de A. Pedro
Versos de Albano

Elvira Clotilde Guimarães Ferreira Cardoso

Dona Elvira, é perigoso ser seu tema
Em conversa em que esteja a dizer mal
Com o timbre, satírico de gema,
Da sua voz que é fria qual metal.

Sem que nisto a desgoste ou a enfade,
Quantas vezes seguindo-lhe as conversas
A ouço, co'a maior serenidade,
Criticar as pessoas mais diversas!

Em si tudo é cortante e tudo fere,
O seu sorriso é irónico e mordaz,
Como o felino caro a Baudelaire
Arranha até se um elogio faz.

Pois bem! De criticar nunca se canse
E mostre até, quando isto tiver lido,
Quanto custa a quem quer que se abalance
A criticá-la a si—grande atrevido!



Critique pois, Elvira, mas cuidado
Que ninguém há que seja inatingível,
E Você que tem tanto criticado
Ha-de ter qualquer coisa de risível.

E não se espante então que, justamente,
De boca em boca alguma vez se diga
Que Você, a mordaz, a inteligente,
Os opiáceos dá pela barriga!

*Desenho de Octávio Sérgio
Versos de Souza Santos*

ELVIRA FERREIRA

*Eis aqui a D. Elvira
Que se verdade ou mentira
Ouvir, que lhe cause espanto,
Com certeza aqui garanto
Que responde com calor:
O! Senhor!*



*E assim se alguém lhe disser
Para a razão nos dizer
Porque a volta macambúzia
De vezes dá uma dúzia
Por dia, sem exagero,
Ela responde, assevero,
A tam vil caluniador:
O! Senhor!!!*

*Se em qualquer ocasião
Num acto, na discussão
Dum relatório qualquer
Um de entre nós lhe disser:
Bravo, bravo, muito bem.
Com a modéstia que tem
Ela dirá com rubor:
O! Senhor!!!*

*E para isto terminar
Direi que se ela encontrar
Qualquer coisa que a enfade
Nestes versos, ela há-de
Dizer-me como eu espero
Em tom tão duro e severo
Que eu de susto perca a cor:
O! Senhor!!*

*Desenho de Octávio Sérgio
Versos de Souza Santos*

Júlio
Machado
de
Souza Vaz



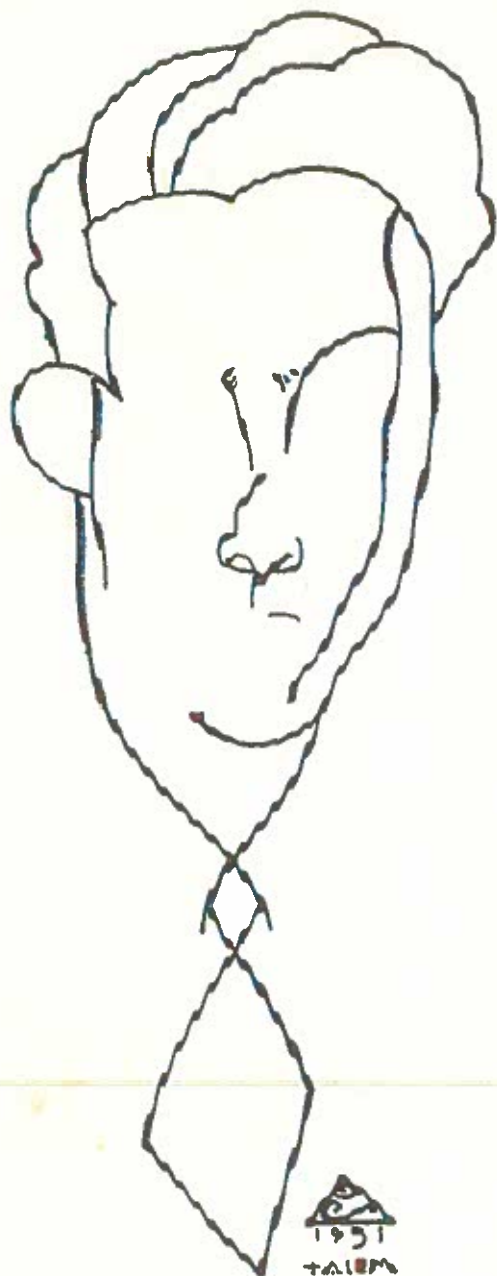
*Anda com certa cadência,
É pequeno na aparência,
Mas tem um grande talento;
Ninguém diz qual o valor,
Dêste galante doutor
Que eu aqui vos apresento.*

*Assíduo leitor do "El sol",
Assim como do "Crisol",
E muitos outros jornais.
Todos os dias caminha
Numa marcha miudinha
Para casa das Cabaais.*

*Estuda com tal jervor,
Que de valor em valor
Subiu até às estrelas;
É bonito e vale tanto,
Que é das mulheres o encanto!
Só se vê no meio delas.*

*Tanto ao "vinte", se agarrou,
Que nunca mais o largou
Com instintos canibais;
Pra o tornar mais consistente,
Ele assombra toda a gente
Com seus actos magistrals.*

*Desenho de Octávio Sérgio
Versos de Mota Torres*



Fernando Artur
de
Oliveira
e
Sá Barros

Se bem que este doutor seja o mais belo,
E em assuntos de "flou", seja um perito,
Não vou, como é costume, enaltecê-lo...
¿Pois que culpa tem ele de ser bonito?!
A discutir ninguém pode vencê-lo
E convencê-lo, então, é puro mito.
Compará-lo a um pavão é envaidecê-lo,
No entanto é certo que arma um bocadito.
Quando formado—e já só falta um ano—
Sem para isso ter trabalho insano,
Pode arranjar em breve a sua vida;
Basta escolher uma especialidade
Para a qual tem sabida habilidade:
A ginecologia discutida.

Joaquim José
Monteiro Teixeira
Bastos



*Como um raio que corta, coruscante,
E deslumbra 'e aterra muita gente,
Entrou na medicina, e, firmemente,
Desvendou-lhe os segredos num instante.*

*E é tal o seu valor, tam importante,
Que vos afirmo aqui, sinceramente,
Que a sua vida de feliz estudante
Pertencerá à ciência eternamente.*

*De contar uma tal capacidade,
Orgulho desta nossa Faculdade,
O Curso inteiro se admira e ufana.*

*E a tal ponto o número "vinte", o segue,
Que, por um pouco mais, êle consegue
Ficar número vinte na ginkana.*

*Desenho de António Figueiredo
Versos de Arlindo Soares*

João Moreira da Fonseca



Meu caro João Moreira
Com estima verdadeira
Te venho ora apresentar.
Por ter amor ao pescoço
Não farei grande destrôço.
Vamos então começar.

Celibatário, soldado,
Maior e revacinado,
E' doido por foot-ball;
Joga o tennis com ardor
À natação tem amor
Gosta de banhos de sol.

Quando viaja de elétrico
Com um livro quilométrico
Costuma vir entretido;
E lê-o com tal vontade
Que da Foz à Praça ha-de
Ficar c'o o livro sabido.

Completamente católico
E não menos apostólico,
E' também ainda romano.
Preocupa-o já bastante
O atestado distante
De ser bom republicano.

Não sabe falar arcaico,
O idioma judaico
Que falava o rei David.
Se á noite tem que fazer,
A cedo nos aparecer
Nem um decreto o decide.

João, jindei os destroços,
Aperta cá estes ossos...
Ai! alto lá! isso não!
Se a verdade queres que diga,
Já me esquecia da liga
Contra o aperto de mão.

Desenho de João Alberto
Versos de Souza Santos

Eugénio Augusto

= Portal Jorge =



Senhoras: eis o Portal

Da sua força orgulhoso,

De largura colossal,

Imponer-se, magoso. . .

E se houver para o futuro

Lá nas terras africanas

Abundantes bananeiras,

Dá desbaste forte e duro

Lá nas plantas das bananas

Pois não é p'ra brincadeiras.

E se qu'reis, senhoras minhas,

(Seduzidas pelas brancas

Que o nosso doutor já tem),

Ver bem de perto as pretinhas

Aproveitai: sede francas

E seduzi-o também.

*Desenho de João Alberto
Versos de Esteves Pinto*

Francisco Xavier

de

Mesquita Montes



Este doutor carrancudo,
De bigodes esquisitos,
É o doutor Mesquita Montes
Natural de Trás-os-Ditos.

Que tais bigodes, porém,
Já não traz, devo informar:
Eram bigodes de arame
E então mandou-os... limar.

Leitor, com isto eu "manejo
Um paradoxo,, sem par:
Quem não tem bigode—mostra-o
Quem o tem—nem nele falar.

Rapaz "distinto,, e com sorte
Não lhe guarda o coração
(Sem querer fazer "espiagem,,)
Que eu saiba, qualquer paixão.

Assim, donzelas, predeí-o
Porque, com tais requisitos,
O doutor Mesquita Montes
Vai ganhar dinheiro aos ditos.

E com ele não entro mais
Porque não me atrevo a tanto,
Pois pode as armas mostrar-me
Do seu homónimo santo.

*Desenho de Octávio Sérgio
Versos de Souza Santos*

NARCISO DA SILVA COELHO



Qual é a coisa qual é ela,
Meus senhores, reparem bem,
Que é uma flôr amarela
Que, em vez dum pé, dois pés tem ;
Que é, alem disso, uma planta
Com acúleos, sem os ter,
E que a todos nós espanta
Porque ainda vem a ser
Um animal roedor
E, alem de tudo, um doutor?

Do doutor-decifração
Quero aqui ainda contar
Que em grande atrapalhação
Um dia o viram ficar
Com a resposta veemente
Que lhe deu uma doente,
Que não tinha a venta glabra,
Por éle, depois de a auscultar,
Ter caído em afirmar
Que ela tinha voz de cabra.

Antônio Barata Gagliardini Graça

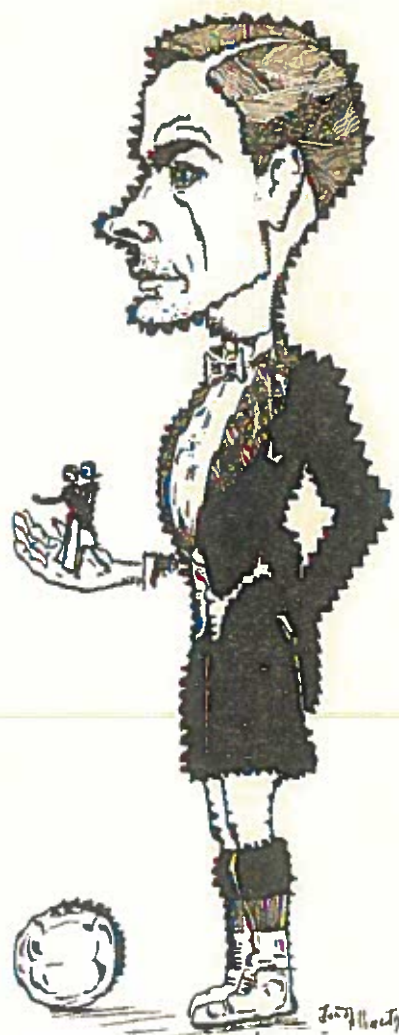


Quem o vê, logo ri. Tem tanta Graça,
Que, mal nasceu (escrevem os cronistas)
Sem se importar se dava ou não nas vistas
Atirou logo à ama uma chalaça!

É doídnho por valsas. E as valsistas
Disputam-no a dente e à muerça.
Não admira portanto que ele faça
Em cada baile um cento de conquistas.

No "foot-ball" é um ds altissonante,
Valente, sabedor, mirabolante,
Capaz de dar lições ao próprio Siska.

E todavia diz-se, entre os rapazes,
Que ele pertence àquela espécie de "ases"
Que servem só p'ra se jogar a "bisca"!...



Desenho de João Alberto
Versos de Alberto Figueirinhas

Domíngos Machado Fernandes

Este doutor agora *retratado*
Da princeza do Lima é cidadão,
Mas deve ser, o seu tamanho *dado*,
Dum cidadão normal *ampliação*.

Dum modo *positivo* éle assevera
Ser uma *imagem viva* do azar,
E, como é pessimista, não espera
Dessa sua desdita *trunfar*.

Mas, em irmãos não ter, *revela* sorte
Pois que, se ao *himeneu* fôr arredo
Ou se fôr filha única a consorte,
Assim evita que lhe chamem *tio*.

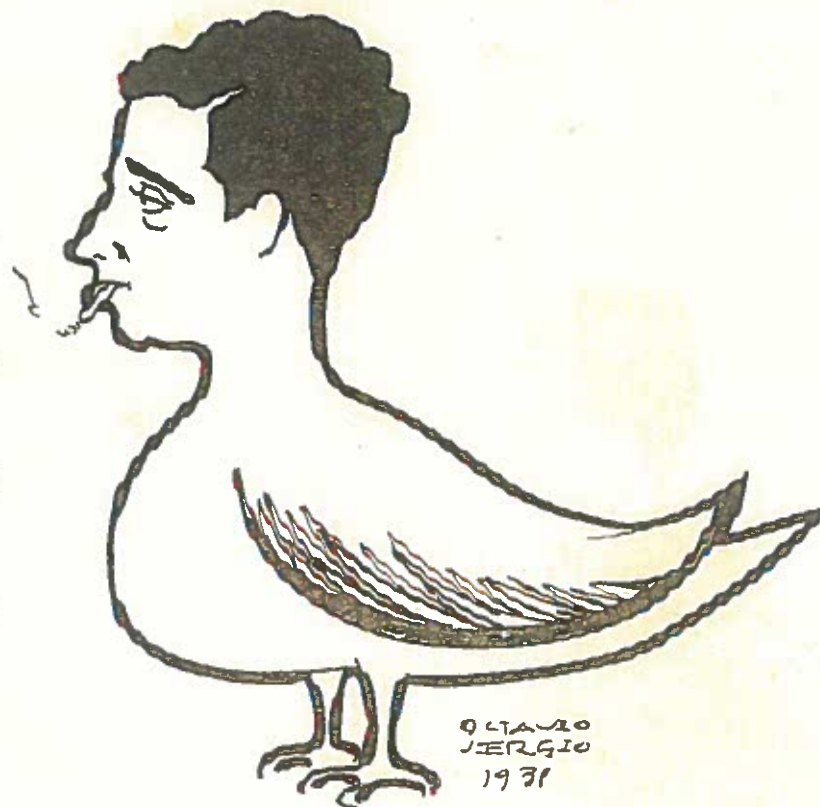
Tem gelto para tudo e é *instantâneo*
O modo como éle faz obra qualquer;
Porém, *fixai*, esse trabalho éle bane-o
Se com a medicina se prender.

Melómano, da arte apaixonado,
Em cinema ao yankee tem fobia.
Emfim: bom companheiro, exceptuado
Quando em acesso de *neurastenia*.



*Desenho de Octávio Sérgio
Versos de Souza Santos*

**Joaquim
Ferreira**
— da —
Silva



Este doutor que vêdes transformado
Em ridente e poético pardal,
Deve o ter sido assim representado
A' sua voz maviosa, colossal,
Cuja fama sem fim — poço sem fundo —
Percorre, triunfante, Portugal,
E pouco falta p'ra invadir o mundo...

Podemos, pois, dizer — e sem receios —
Que este doutor é homem afamado,
Tanto mais que, em inúmeros passeios,
Já conquistou o "grau," de viajado!

E, então, nada lhe falta...
É só ele qu'rer,
Que tudo são aromas de magia
A perfumar-lhe a vida de prazer.
Apenas uma vez — mas que arrelia —
Ele conheceu o fel do "desprazer,"...
Foi quando alguém em certa casa entrou
E, intempestivamente, perguntou
Se era ali que morava um "fulaninho,"
Chamado — vejam lá — senhor Albaninho!...

ÁLUARO AMORIM CUNHA

Este Cego do Maio que ora vêdes
Nunca salvou ninguém na sua vida,
Cego não é, ao mar não lança as rédes.
Mas na Póvoa é pessoa muito querida
Este Cego do Maio que ora vêdes.

Se bem que compre a Voz todos os dias
(Que a compra sei—não sei se a lê também)
É certo que ele desperta as simpatias
E, jovial, a minha estima ele tem
Se bem que compre a Voz todos os dias.

A uma sessão das quartas no A'guia d'Ouro
Nunca falha, não sei porque razão;
Cinéfilo não é, mas, sem desdouro,
Póde ás aulas não ir, mas faltar não
A uma sessão das quartas no A'guia d'Ouro.

Os livros e as revistas compra ás grosas,
Mas quanto a lê-los é só *quantum satis*.
Liga tam pouco ás sapientes prosas
Que até por vezes julgo que ele grátis
Os livros e as revistas compra ás grosas.

Gosta da luz, do ar, da liberdade,
E é por isso decerto que o não vêdes
Uma tarde passar, que nem metade,
Fechado a estudar entre paredes.
Gosta da luz, do ar, da liberdade

Êste Cego do Maio que ora vêdes.



Desenho de Octávio Sérgio
Versos de Souza Santos

JOÃO DO CARMO
DE
SOUZA SANTOS



*Tem a fama, entre os doutores que apresenta este alfarrábio,
De crítico irreverente, demolidor, douto e sábio.*

*João do Carmo chamado, bem contra sua vontade
Será Carmo, muito embora caia este e a Trindade.*

*Usa uns óculos redondos de letreiro oriental.
Tem coração insensível, que está livre e alodial.*

*Dá sorte com o piegas, banal sentimentalismo,
Mas faz versos facilmente — poeta por atavismo.*

*Arte, ciências e letras, em tudo mete o bedelho:
Sempre assim, de vento em pópa, ha-de ir longe o rapazelho...*

*Parece ter nos cabelos ondulação à Marcel...
Mas, por ele ter birra aos padres, a natureza cruel*

*Poz-lhe sob a cabeleira, bem oculta, uma tonsura
Para ver que sem defeitos não existe formosura.*

*E, como critica tudo, pessoas, livros, cinema,
Destas críticas amenas é justo ter sido o tema.*

*Desenho de Octávio Sérgio
Versos de E. S.*

EDUARDO
MORGADO
FERREIRA
DOS
SANTOS SILVA



*Eu pinto com deleite este doutor,
Doutor hereditário e incipiente,
Que, entre os "snobs,, é um "snob,, mór
Quando das ilhas vem pra o continente.*

*E' um indispensável orador
Nas reuniões, com seu verbo potente,
Para que, discursando com calor,
A' sã doutrina chame a vária gente.*

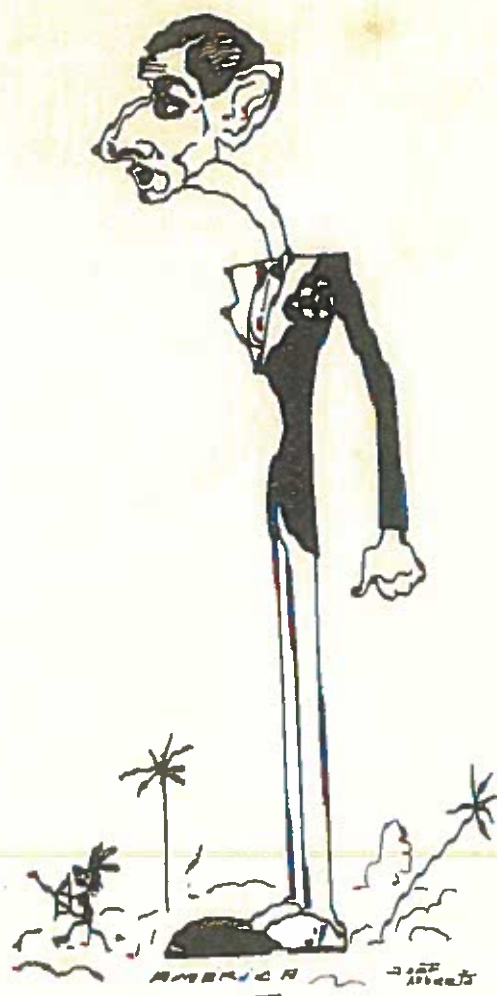
*Por dá ca uma palha faz barulho;
Não é fácil levá-lo no embrulho
Porque vai logo consultar a lei.*

*Bastante hereje e algo irreverente,
E' liberal e, então, sinceramente,
Luta por ideais, não "pola grei,,"*

*Desenho de Octávio Sérgio
Versos de Souza Santos*

FERNANDO FEIXEIRA DA CONCEIÇÃO

*É um doutor "je m'en fichiste..."
É assim a gente desiste
De que os seus versos nos dê
Para nosso grande mal
É de Colombo um rival
Que não põe ovos em pé.*



*Desenho de João Alberto
Versos da Comissão*

Artur Napoleão Mesquita da Silva



Certo Papa, com doçura,
Nos tempos de padre cura,
Dizia assim num sermão:
A medicina e a guerra
Ambas legaram à terra
Um grande Napoleão.

Bonaparte, irmão da glória,
Alcança em cada vitória
Loiros e festas sagradas.
O Artur, irmão dum alferes,
Receita arsênio às colheres
E purgante às toneladas.

Bonaparte, por sinal,
Se chamou o general
De guerra bem inaudita.
O leão da medicina
E pescador de albumina
Chama-se Artur e Mesquita.

Bonaparte já morreu;
Se está em guerra, é no Céu.
O Artur, menos pensativo,
Tem consultório no Porto,
Pois melhor que um herói morto
Inda é ser um doutor vivo.

O primeiro na Europa
Comandava muita tropa
De que era soberano.
O segundo, dia a dia,
Vê passar cavalaria
Só no butro americano.

*Desenho de Mengo de Abreu
Versos de S. N.*

Carlos dos Anjos

Castro Birra



Para acompanhar *lados* é um *barra*
Quando com arte a um violão se *agarra*.

A sua fama em todo o mundo *berra*,
Pois já fez excursões por toda a *terra*.

Com *anjos* é sabido que tem *birra*
E que aos *anjos* não queima incenso *ou mirra*.

Ideias *negras*, qual de café *borra*,
Tem às vezes, mas noutras se *desforra*,

E um *rombo* dando então na cheia *burra*,
É *jovial*, alegre e não *caturra*.

Desenho de Mengo de Abreu
Versos de Souza Santos

Carlos Moreira do Amaral



Nos longos e tranquilos corredores
O curso espera a aula. Há mil rumores
Em côro cacofônico, infernal.
¿ Quem foi porém que a todos excedeu
Em bulha, em discussão, em escarceu?
— O Carlos Amaral!

As aulas terminaram. De roldão
Sai dos jovens doutor's a multidão
Fazendo um formidável arraial...
E logo então, se nota dentre nós
O badalar da irrequieta voz
Do Carlos Amaral!

Eis-nos na rua. Olhai como são belas
As flamejantes filas amarelas
Juntas em grupo à porta do Hospital!
Mas alguém há que gesticula e grita...
¿ Quem é que assim frenético se agita?
— É o Carlos Amaral!

Desenho de Esteves Pinto
Versos de Jorge Santos

José Caetano de Tinho Correia de Sá

Frio, sereno, irônico, brandinho,
De arguto olhar e lábio desdenhoso,
Sempre franzido assim num sorrisinho,
Parece ter da vida eterno gozo.

Seguindo imperturbável seu caminho
Altivo, sosegado, donairoso,
Lembra a doce lizez do branco arminho—
E apenas tem de agreste—ser teimoso.

Nada perturba o seu andar tranqüilo
Em que revela um apurado estilo
De epicurista são e equilibrado...

E é assim imperturbavelmente
Que não entrega invariavelmente
Um relatório sem ser atrasado.



Desenho de 
Versos de Jorge Santos

Forge Gustavo

Sanchez de Castro

Marques dos Santos



Poeta de verdade. A sua lira
Saúdável, positiva, vigorosa,
Vai relalhando tudo o que é mentira,
Vai construindo um mundo cor de rosa.

Questões de amor, nenhuma há que o assiste,
E ostenta, na lapela, um cravo rubro.
Sabe de cor a vida de Saint-Just,
De cor, também, a insurreição de Outubro?

Mais, como está provado que na França
Da Convenção não restam já sinais,
Concentra, agora, toda a sua esperança
Na joíce e no mercado orientais...

De lhe notar um vício aqui não deixo,
Vício que toda a gente assaz deplora -
E que consiste em arranhar o queixo,
Na rua, no café, quando namora...

Para finalizar, falta dizer
Que este fiel devoto de Hípocréne
Estuda Medicina, para ser
Futuro "Comissário da Higiene."

Desenho de João Alberto
Versos de Aristides Ribeiro

Carlos Alberto Garcia Alves Roçadas



*Alto, magro, vendo em redor
tanta miséria, tanta utopia,
junta à espada o grau de doutor
em medicina e cirurgia;*

*E não contente com tanto
foi em corrida veloz
fazer dum velhão recanto
a linda Praia da Foz.*

*É este bravo tenente
que corações pisou mal
que aqui vós vêdes contente
no seu burrito gentil.*

Aníbal Martins Gomes Bessa

E levado da breca o nosso Capitão!
Ora vêde, senhores, com que alma e com que ardor,
Apesar de ser pai, casado e quarentão,
Trabalha sem cessar, estuda p'ra doutor.

Trabalhos mil passou, seis anos no sertão
Em guerra c'o plasmodium, em luta c'o calor,
Matou tigres reais, caçou muito leão,
E nem assim perdeu a força e o vigor.

Tem mais de sete ofícios! Um belo parceirão!
Por cima disto tudo ainda é professor,
Tudo sabe ensinar, de tudo dá lição,
Depois da faza militar em dia pôr.

Tem prole numerosa! São cinco! E em rigor,
Isso o não aflige, pois tem do coração
Vaidade dos miúdos, lindos como um amor!
Como pai de família faz mesmo um papelão!

E no entanto...

Em Santo Tirso, capa ao vento, em trovador...
Alguém diria tal ao vêr este doutor?



*Desenho de João Alberto
Versos de António Alves*

Antônio Maria de Oliveira Alves

Este Esculápio muito douto e obêso
É a glória desta Faculdade,
Porque, apesar de novo na idade,
Promete vir a ser Doutor de pêso.

Não o impede a grande obesidade
De em constante labor andar aceso;
Gênio triunfador, viril e têso,
Só no Triunfo encontra a felicidade.

Apesar de estudar com grande sanha,
Nunca o estudo lhe derrete a banha
Que ele possui em si, descomunal;

É grande em tudo, em gênio e em saber;
Só mesmo quem de perto o conhecer
O pode avaliar: é... Colossal!



Desenho de João Alberto
Versos de José Caldas

Adelino Pereira Ribeiro

*Eis o Doutor Ribeiro, que tem dado
Provas de ser um médico de escacha;
Muito modesto os lentes não engraxa
E consegue ficar sempre aprovado.*

*Descontos, letras mil, tudo despacha
No banco onde é há anos empregado,
E apesar de lá muito ser casado
Consegue ainda tempo pr'a taracha.*

*Trabalha noite e dia com vontade
Ora no banco, ora na Faculdade...
Banqueiro ou médico? Éle que o decida.*

*Duma maneira ou doutra é bem patente
Que, em qualquer profissão que se apresente,
A trabalhar assim, vence na vida.*



*Desenho de João Alberto
Versos de António Alves*

Alfredo Figueiredo de Carvalho

*Todo ele é paixão, amor, ternura,
O cúmulo da santa placidez...
Com tanta frouxidão, tanta doçura,
Dá mesmo a ideia dum pudim francês.*

*Não tolera a viril desenvoltura
Da mulher de hoje, mas, por sua vez,
Adora a trança, o puxo e a caladura
Que Camões atribui a Dona Inês.*

*De martelão atívia fama goza.
E é por isso que a astuta da "raposa"
Nunca lhe visitou o gulinheiro...*

*É tão miudinho, arguto e pertinaz,
Que aposto em como ele era capaz
De encontrar uma agulha num palheiro!*



*Desenho de João Alberto
Versos de Alberto Figueirinhas*

Eduardo Esteves Pinto



É um homem de ciência; e todavia,
Como Pasteur e outros imortais,
Acredita num Deus que nos vigia
E nos cobre de bênçãos paternais.

Escreveu um trabalho que devia
Ser publicado em todos os jornais,
E se o Camacho o lesse logo iria
Purificar-se às pias batismais...

Crê nos milagres; e por isso a Morte
Com cliente seu nunca andará com sorte
Embora esteja longo tempo à espreita...

Pois que a Virgem com seu poder divino,
Porá logo o doente rijo e fino
Antes que este doutor faça a receita...

*Desenho de João Alberto
Versos de Alberto Figueirinhas*

Angelo Manuel Veiga da Maia Mendes

Atirou-se ao defunto Pedro Hispano
(Não é parente do Hispano-Sulço)
Com o mesmo furor com que Magriço
Correu os pobres "bifes" a banana.

Católico lial, fiel, castiço,
Como um antigo e nobre lusitano,
Tem tal poder no grande Vaticano,
Que, qualquer dia, é duque ou mais do que isso...

"Tu cá-tu lá" com bispos, cardeais,
Pontifica em revistas e jornais
E catequiza o mísero gentio.

Mas a falar de Sua Santidade,
Nem talvez a Santíssima Trindade
Seja capaz de lhe tirar o "Pio"!...



Desenho de João Alberto
Versos de Alberto Figueirinhas

Francisco Pinto Brochado Monteiro

Tal qual como a pescada, este doutor,
Mesmo antes de o ser, já é formado;
E, vejam paradoxo maior:
Sendo gordo e roliço é... delegado.

Há na sua cabeça tal salada
De códigos, purgantes e injeções,
Há lá dentro tamanha salsalhada
De ataques aos bacilos... e aos ladrões,

Que um dia, quando abrir um consultório
Para exercer Direito e Medicina,
Mandar os doentes ao... cartório
E aos réus, receitará... urotropina.

Como um livro de rara estimação,
Embrulhado na toga, mas Brochado
Já só lhe falta ser cirurgião
P'ra ser em medicina encadernado.



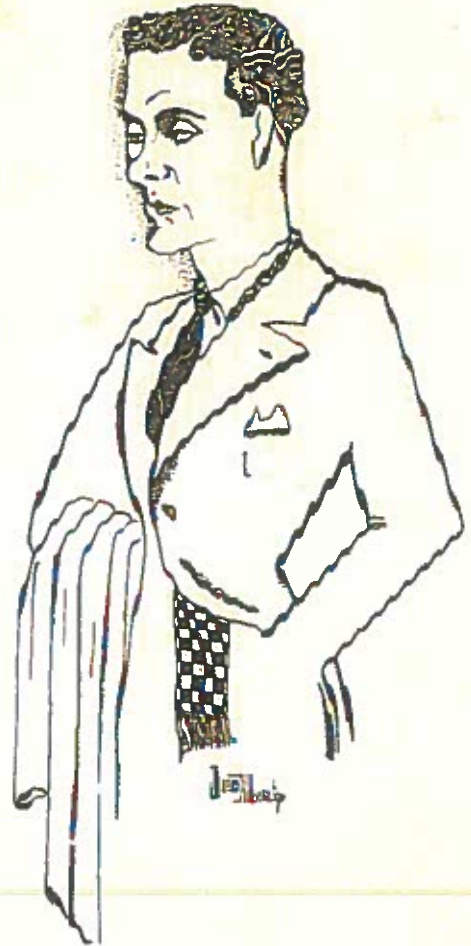
Desenho de Octávio Sérgio
Versos de Grilo

Ismael da Conceição Piná de Oliveira

No garbo altivo, nobre, sem rival,
Em todos os seus gestos e ações
Se vê que é um rapaz muito leal
Como é de norma em todos os beirões.

É elegante e veste com primor,
Fala com altivez e distinção;
A dizer coisas lindas sobre o amor,
Faz sempre, em toda a parte, um figurão!

Vai ao cinema e gosta do sonoro
(Western Electric ou Photophone)
E, para conversar com o namoro,
É fatal, fala sempre ao telefone.



Por ela o seu "amor" chega à loucura!
Dizem que é linda. Eu cá não sei quem é...
À hora certa, à hora da aventura,
Lá está ela a falar-lhe para o café...

Anda tristonho às vezes, pensativo,
Alma de luto como qualquer monge...
Mas não é porque seja sensível,
É por falar com ela só... de longe!!

Desenho de João Alberto
Versos de El-Negro (Coimbra)

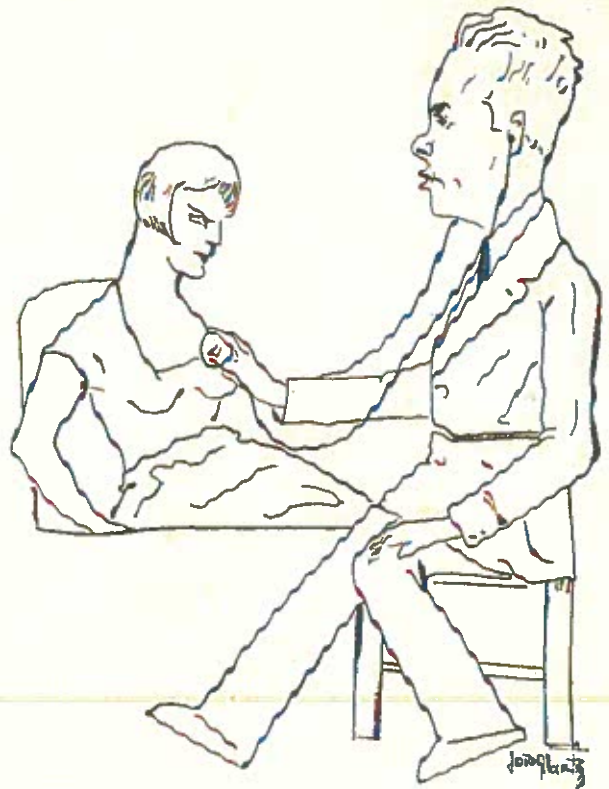
Francisco Antônio Garcia

*D'entre os doutores é este um dos primeiros;
A' Medicina tódo se dedica;
E aquilo com que éle mais implica
E' com a raça vil dos curandeiros!*

*Assim para enfrentar os mixordeiros
Que fazem d'um palheiro uma botica,
Pelas manhãs, no Hospital, pratica,
Ausculda e faz prodígios verdadeiros!*

*E' meigo e bom como a rolínea mansa
Solleiro, diz a todas: "não namoro
Ainda, por... talvez... ser de Bragança..."*

*E, por enquanto, aquilo que eu adoro
É deleitar-me com o prazer da dança
E ouvir um bocadinho de sonoro!,,*



*Desenho de João Alberto
Versos de Raul Vieira Coelho*

Zulmira dos Santos Pereira



Embora p'ra fazer **exame** isso convenha,
Ser Zulmira, **senhora**, é coisa bem patética:
Vai-se sempre p'ra o fim do curso na **resenha**
.....
Mesmo se **ela** não fôr por ordem **alfabética**.

Porem não se lamente e **diga** ao engraçado
Que disso **lhe** falar **com** modos zombeteiros
O que Cristo nos **disse** em tempo já passado:
"Os últimos virão **um** dia a ser primeiros.,

Bem sei que **isso** é no céu, e isto é mais inferno
Do que aquele **em** que impera o bom do Satanaz;
Mas, mesmo assim, havendo um sentimento terno,
Pode-se cá passar o tempo **em** doce paz.

E é, dessa doce paz, na hora tam fagueira
Em que esta negra vida é bem celestial,
Que vós decerto sois de todas a primeira
Nesse céu que é p'ra vós a arcada do Hospital.

*Desenho de Bruno Reis
Versos de Souza Santos*

Estes noventa doutores tratarão, se fôr preciso,

De te curar, ó leitor, quer do corpo, quer do juizo.

capa de Carlos Carneiro

Composto e Impresso
Ofic. Artistas Reunidos
R. do Almada, 560 • Porto

